

Artigo

Contar Histórias: Uma Voz Simples Que Tece Emoções

Telling Stories: A Simple Voice That Weaves Emotions

Alessandra Giordano

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo apresentar o conto de tradição oral, no veículo da arte narrativa, enquanto instrumento de abordagem arteterapêutica. Objeto do presente estudo, a narrativa oral e o conto tradicional são aqui notificados como instrumentos que influenciam e normatizam projetos de vida dos envolvidos nos processos de arteterapia. A matéria recebe o *status* do conto de tradição oral, mostrando o universo do Era Uma Vez... como ingresso para o mundo interior do humano dada à riqueza do seu plano simbólico. Ao utilizar conceitos da Psicologia Analítica profunda, os contos são trabalhados no sentido de fortalecer e levar os sujeitos a eles submetidos à ampliação de suas consciências e conseqüentemente à emancipação de seus conflitos, dores e mazelas. O contar histórias, seguindo a simplicidade do ritmo e da rima das “palavras bem-ditas” na cadência da oralidade, demonstra a tecedura das emoções humanas, aproximando pessoas, fortalecendo vínculos, tão necessários para uma vida saudável, principalmente nas sociedades de tecnologias.

Palavras-chave: Arteterapia. Contar Histórias, Contos tradicionais, vínculo

Estudou Psicologia, Neuropsicologia, Filosofia e Pedagogia. Profa e Supervisora Universitaria. Contadora de Histórias. Especialista em Contos de Fadas. Especialista em Psicodrama. Especialista em Bio-psicologia. Arteterapeuta. Herbatista. Lida com artefatos sagrados e com o Silêncio. Meditadora há 30 anos. Mestre em Ciências das Religiões. Dra em Psicologia. Oneness Meditator do Brasil Oneness University da Índia. Autora do livro: contos que curam, São Paulo, Ed. WAK, 2020, entre outros. Ministra o curso: A arte de Contar e Ouvir Histórias há 20 anos no Instituto Sedes Sapientiae onde é membro do Dpto de Arteterapia. Ministra workshops e palestras no Brasil e América Latina. Pesquisadora sobre meditação e seus efeitos no cérebro humano, Unifesp. Contato: alefemaruly@uol.com

ABSTRACT

This article aims to present the tale of oral tradition, in the vehicle of narrative art, as an instrument of art-therapeutic approach. Object of the present study: oral narrative and traditional tale, are here, notified as instruments that influence and standardize life projects of those involved in art therapy processes. The matter receives the status of the tale of oral tradition, showing the universe of the Once Upon a Time... as an entrance into the inner world of the human being, given the richness of his symbolic plan. By using concepts of deep Analytical Psychology, the tales are worked on the feeling of strengthening and leading the subjects, submitted to them, to the expansion of their consciences and consequently to the emancipation of their conflicts, pains and ills. Storytelling, following the simplicity of the rhythm and rhymes of the "well-spoken words" in the cadency of orality, demonstrates the weaving of human emotions, bringing people closer, strengthening bonds, so necessary for a healthy life, especially in technology societies.

Keywords: Art therapy Storytelling. Traditional Tales.

Introdução

Contar histórias é
Desenrolar uma paisagem

A Arte de Contar Histórias é muito antiga. Em todas as épocas mestres espirituais, artesãos, viajantes, avós contavam histórias para a sua gente. Então, a palavra falada, organizada num enredo, sempre despertou memórias. Memória daquilo que vale a pena ser lembrado. A arte de contar e ouvir histórias tem o dom de unir os grupos, tem o dom para cultivar a imaginação criadora do homem; tem o dom para desencadear processos de autoconhecimento e, a bem da verdade, tem o dom de nos colocar na rota dos sonhos.

Os matizes do meu interesse pelo universo dos contos, remonta à minha infância. Eu brinquei na rua, com meus irmãos e demais amigos. O espaço da rua era

um espaço não só lúdico como político, onde tínhamos liberdade de escolha e onde a brincadeira – coisa séria – corria solta. Destas brincadeiras, faziam parte as noites de contação de histórias². Vim de uma família de contadores de histórias, para a qual, as histórias são tão necessárias para uma vida saudável, quanto uma boa refeição. Minha avó e Nega Julia, minhas fadas madrinhas, eram guardiãs de um tesouro inigualável. Eram curandeiras, cuja medicina eram os contos, especialistas em linguagem simbólica, embora não soubessem disso, que afastavam os nossos medos, inquietações, frustrações e dores do crescimento contando-nos histórias. Minha avó nos rezava contando histórias.

Isto foi há tanto tempo e me pergunto: qual é a importância do contar histórias para as sociedades contemporâneas movidas pelas máquinas e pelos encontros virtuais? Ao que parece, as pessoas já não valorizam mais estar com seus parentes e amigos no calor dos encontros para a escuta de histórias. Hoje vemos bebês com menos um ano de vida, cujos “brinquedinhos” são telefones celulares com suas luzes ofuscantes e com histórias, muitas delas, cheias de enredos imbecilizantes. Em meio ao barulho das televisões, dos computadores o que permanece é um estranho e incomodo silêncio. A sensação de solidão em meio a muitas pessoas passa a ser a realidade mais próxima do homem moderno. Neste início de século nossa vida está cada vez mais difícil e mais complicada. As máquinas e a tecnologia, ao contrário do que se pensa, muitas vezes nos dão mais trabalho considerando que hoje tudo é *self service*. Você tem que se virar sozinho usando os números e códigos que as

² O termo “contação” é um neologismo criado pelos contadores de histórias da atualidade. Neste trabalho, os termos: “contos” e “histórias”, são entendidos pelo mesmo significado e ao nos reportarmos a eles, estamos nos reportando aos contos da tradição oral.

secretarias eletrônicas te oferecem. Parece que ninguém ajuda ninguém. Ouvir um humano orientando-o pelo telefone é coisa rara. O homem está sendo substituído por máquinas. Ademais, junto com a nossa imensa capacidade de armazenar informações fomos perdendo as nossas histórias para reproduzirmos as histórias que a mídia conta, quando todas as noites os jornais televisivos invadem os nossos lares e, assim, vamos sendo levados pelo fluxo de interesses de histórias que não nos pertencem, mas determinam nosso humor e até mesmo nossos comportamentos.

Meu objeto de interesse aqui, no amplo espectro do próprio tema, tem um recorte preciso: apresentar a arte narrativa, observando-a como um recurso para processos arteterapêuticos e o seu correspondente: conto de tradição oral. O lugar de onde falo é, portanto, tecedura das extremidades do mesmo fio: experiência de quem ouve e de quem conta a “palavra cantada”. Experiência de quem aprende com os contos e de quem ensina a contar contos. Daí que as reflexões que buscamos, ao longo deste trabalho, concretizam-se nas questões dos arteterapeutas, em formação, que trazem inquietações sobre a utilização dos contos no *setting* arteterapêutico, isto é: a contação de história se configura como um recurso nos processos de arteterapia? Por que contar histórias? Que história contar?

Arte Narrativa: um simples prazer que faz a diferença

O trabalho do contador de histórias é
viajar nas histórias para curar almas
no caminho do tempo.
(Desconhecido)

A arte narrativa que implica num simples prazer de estar com as pessoas, constitui-se quase que como um desafio, dos mais difíceis, nas modernas sociedades. Minha tendência é me preocupar com estes assuntos porque acho importante procurarmos caminhos alternativos para a convivência³. Um dos caminhos que vejo vem da simplicidade. Às vezes fico pensando que faço parte de uma espécie em extinção: aqueles que como minha avó dizia são “gentistas”, gente que gosta de gente. Sou uma contadora de histórias. Sou uma contadora de histórias dos moldes de antigamente. As pessoas gostavam de se encontrar para tomar um café, contar e ouvir histórias. Lembro-me que minha avó dizia que, por educação, quando alguém chega em nossas casas, oferecemos um café – esse é um jeito de dizer que estamos gostando daquela companhia. Era assim antigamente e tínhamos tempo para as nossas visitas. E hoje? Hoje, pegamos a cafeteira elétrica, ligamos na tomada, tiramos do *freezer* o pão de queijo congelado; ligamos o forno micro-ondas; o telefone toca, sua filha te chama, e você diz: - cala a boca que estou no telefone... sua visita, que avisou há um mês que ia à sua casa, de repente, resignadamente vai embora. Antigamente na casa da minha avó, as coisas eram diferentes. Lembro-me bem. Com muita alegria as pessoas chegavam quando queriam, não precisavam avisar. Na cozinha, que se tornava a sala de visitas, havia o borrarho (fogão à lenha) que estava sempre aceso com uma chaleira de água a ferver. Moía-se o pó de café, enquanto a água entrava em ebulição, Nega Julia jogava o pó moído na hora e o aroma de café fresco incensava a casa e pairava no ar. Este era o *leitmotiv* para o início de uma boa

³ Meu desejo é sempre o de ensinar aos pais sobre a importância de contar e ouvir histórias, pois acredito que esta, como no passado, é uma das melhores formas para a agregação de pessoas com interesse comum. Além de não me esquecer nunca que Guimarães Rosa, dizia que contar histórias é um ato de amor.

conversa, regada é claro, por contos. Isto para mim, é um comportamento gracioso para receber alguém; gestos de educação, como diria minha avó; gestos de acolhimento; de atenção para com o outro, e aí sim, faz-se vínculos, pelas prosas que se desenrolam, pela alegria de conversar com olho no olho, pelos sorrisos, pelo prazer de estar com as pessoas.

Minha avó costumava dizer que a gente não nasce com amigos. Amigos são conquistados ao longo da vida. E, não será uma verdade a necessidade da conquista de uma vida menos complicada? Mais amistosa? Menos apressada? Menos competitiva? Não será uma necessidade humana, estar presente na delícia de uma boa conversa? Prestar atenção na beleza e no poder dos contos de tradição oral que podem ser compartilhados nestes encontros? Aprender com os contos! Esses são espaços de encontros preciosos onde se tem tempo para os sonhos, para o devaneio, para desenvolvermos nossas imaginações....

Pronuncia-se, então, uma palavra necessária para a manutenção do laço social, no caso, sempre um conto, que sustente e nutra o imaginário, divulgando e confirmando necessidades humanas de estarmos em grupo, de estarmos juntos para trocarmos saberes. Afinal, quando contamos uma história nos mostramos por inteiro; deixamos claros nossos valores, nossos entendimentos sobre a vida, e aquilo que pensamos valer a pena ser cultivado para se ter uma boa vida. Tudo isso transparece. Contudo, falar desta arte pressupõe possibilidades de relacionamentos interpessoais, que a meu ver desembocam numa forma de educação, como na antiga Paidéia. Uma educação interdimensional, por assim dizer, na qual as diversas dimensões do

humano são consideradas, a saber: logos (razão), Páthos (sentimentos), Eros (corporeidade) e Mythos (espiritualidade).

Ouvir histórias oferece uma experiência, e o que será esta experiência, senão, confissão dos lugares onde se chega pelas próprias experiências? Assim, contar e ouvir histórias é uma arte que vai do individual ao coletivo. É a arte da voz e a arte da “presença” que transmite a quem ouve uma experiência. Uma experiência que é até capaz de produzir *catarses*. É uma experiência transformadora.

Desde muito cedo, como podem perceber, interesse-me pelos seres humanos e pelo que eles contam. Parece-me um privilégio, enquanto pesquisadora, ter tomado um objeto por estudo que pertence ao mundo do qual faço parte por dentro e por fora, vamos assim dizer. Sem dúvida o desafio é a quase impossível tarefa de romper com a experiência pessoal, e não negá-la, para assim conseguir conhecimentos sobre o universo que se habita há tanto tempo, passando do lugar de quem conta para o lugar de quem ouve, ou do lugar de quem ouve para o lugar de quem conta. Transito, portanto, dos dois lados, como pássaros do mesmo bando.

Estudando os contos de tradição oral, descobri que a vida é relacionamentos e estes, são tecidos no calor das emoções e das trocas. Descobri que os contos são excelentes instrumentos para processos arteterapêuticos. Descobri que um conto, analogamente, é como a guache, a aquarela, a argila, num *setting* de arteterapia. Descobri que têm a mesma função de gerar emoções e expressões como medos não ditos, anseios não revelados. É um instrumento que traz em si as dimensões da Paidéia. Como já disse, os contos são uma experiência. Os contos nos ensinam muito sobre nós, sobre o outro, sobre o mundo. Servem até de modelos para muitas das

emboscadas que nós mesmos nos colocamos. Ouvir histórias desencadeia um olhar interno e ensina, por vezes, um pensar generoso que entrando em nós, sai de nós pelo sentimento. É o “olhar identidade”; do entrar de um jeito e sair de outro jeito todo o tempo; repaginando pelas tramas (do conto) nossos entendimentos e emoções. Agora, assim como é preciso saber quando e porque usar aquarela, quando e porque usar guache, quando e porque usar argila num contexto arteterapêutico, é igualmente importante saber que história contar e porque contá-la. Falaremos sobre, oportunamente.

Tecendo o invisível: as emoções

A palavra contadora é uma
Palavra carregada de elan,
de entusiasmo.
Hindenocho (1993)

Contar Histórias é uma herança dos nossos antepassados, onde se vê logo a ligação do homem com a palavra. Falar de tradição oral é falar de uma herança que nos dá identidade. Herança de um povo que reconhece o poder das palavras que são passadas de geração para geração, como depositária de uma cultura. Uma cultura onde os ensinamentos são passados pela tradição oral. Para essa gente, “contar uma mentira é cometer uma lepra moral”, diz Hampatè Bâ, e, continua: ...na África os anciãos são a memória viva de seu povo e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito deste povo, terá validade a menos que, se apoie na herança transmitida pela oralidade (HAMPATÈ BÂ, 1982 p. 201). Para eles, quando alguém pensa uma

coisa e diz outra, separa-se de si mesmo criando desarmonia dentro e ao redor de si. Então, contar história trata-se, para este povo, de uma ciência da vida.

Ouvir Histórias tece emoções como uma experiência completa, porque tem um valor afetivo-moral. Ao ouvirmos um conto de tradição oral, temos a experiência do outro ao alcance das nossas mãos; do outro que se dirige a mim, que me olha, que se importa comigo, que me emociona, com suas palavras “bem-ditas”. O som nos invade por completo, passa por nós deixando uma emoção. Ao ouvir uma história, todo o nosso corpo torna-se uma unidade auditiva porque estamos no centro do campo sonoro. Como os mantras, o som preenche também o ambiente à nossa volta, atingindo a todos. Isto por si só, como diz Anatole France (1921), em *Le Jardin D’Epicure*, “é sensual...” e reconduz a natureza humana, deixando nos ouvintes uma sensação de pertencimento. O sabido é lembrado, aprendido, compartilhado. Por sua vez, a voz do contador assume a autoridade de quem se guia pela lembrança luminosa de uma vida balizada pela experiência que lhe foi passada de pessoa para pessoa, tal como Nega Julia, recebeu de seus antepassados, lá no Congo, dizia ela.

O contador apresenta o conto como um ponto de sabedoria; ensinamentos de uma tradição na qual a palavra do narrador é viva, ângulosa e carregada de elan e entusiasmo (FRANCE, 1921). Desde aí, indagamos: quais são as nossas experiências se estamos diante de uma sociedade engajada no que os sociólogos chamam de “a lógica do efêmero”? Lógica na qual as imagens aparecem de todos os cantos, numa poluição visual sem fim. Uma sociedade super informada, informatizada, hiper compartimentada, que transformou os saberes, os valores e o meio ambiente irremediavelmente modificados pelos meios de comunicação e

informática. Como entender os saberes que nos são passados (e às nossas crianças), por programas da televisão como os do Ratinho ou Pânico? Estariam eles, à propósito da figura do narrador, trocando experiências conosco e sugerindo que continuemos a história?

Enquanto professora do curso: A arte de Contar e Ouvir Histórias na Contemporaneidade, ministrado no Instituto Sedes Sapientiae, há mais de vinte anos, gosto de pensar que a voz que narra um conto é um “além da fala”; isto é, quando alguém se propõe a contar um conto, este alguém, deve saber que conto contar, porque contar, quando contar e para quem contar a história. Tratando-se, então, dos especialistas em arteterapia é razoável que saibam que há na voz do narrador, outras vozes. Vozes essas, que “magicamente” remeterão o ouvinte ao passado e ao futuro, sem tirá-lo do presente. É, portanto, uma voz ressonante ao mundo de quem ouve. Assim, a palavra narradora, desde sempre, se impôs ao homem como algo mágico, com um poder que permite compartilhar experiências num ritual de afeto e cumplicidade que tece emoções. Então, contar histórias é uma arte da palavra que encontra e dá sentido à relação com o outro e com o mundo. É, portanto, um conjunto capaz de levar o ouvinte a uma suspensão temporal e transportá-lo para o tempo afetivo, não cronológico, imprescindível, eu diria, para atos criativos. Talvez por isso, seja a arte mais antiga e, também a que permanece entre as demais artes, desde muito antigamente. Trata-se da arte da palavra “bem-dita” que tece emoções.

A Arte da Palavra “Bem-dita”

(...) ninguém poderia dizer que as histórias eram inúteis, pois enquanto as línguas estalavam, cinco ou quarenta dedos costuravam, o milho foi descascado e ralado, a colcha foi remendada, e as roupas cerzidas e ao amanhecer (...), as histórias se dissolviam na curva da orelha. Elas se penduravam de cabeça para baixo nas mentes adormecidas das crianças até voarem dentro da noite do Narrador (WARNER, 2000).

As histórias, ao contrário do que muitos pensam, não são coisas para boi dormir. Enquanto trabalhavam, homens e mulheres tinham sua energia nutrida por muitos contos; isto não se perdeu na noite dos tempos. Cada história tem sua utilidade: entreter, divertir, ensinar. Na arte da palavra “bem-dita”, vê-se compaixão. Compaixão em grego quer dizer: sentir com o outro, estar com almas irmanadas, apoio mútuo. Fazer as coisas, por mais simples que sejam, com-paixão; estar com. Nem sempre tudo o que temos que fazer na vida nos deleita, mas aprendi, com os contos, a tornar minhas experiências em momentos os mais agradáveis possíveis. Aprendi que o momento é o agora; aprendi que o passado passou e águas passadas não movem moinho e que o futuro a Deus pertence. Nem sempre consigo, mas continuo tentando.... Minha avó não se cansava de dizer que tínhamos que achar um jeito de encontrar histórias para alimentar a nossa alma e dizia que, reverenciar a vida é sempre um bom jeito. Tratar a vida como algo de suprema importância, cujos valores sejam os pilares de nossa existência. Quais são os valores do homem moderno? Nos contos que minha avó contava, ficava claro a importância de buscar o que há de melhor dentro de nós mesmos – aprender a amar tudo, não só as alegrias e as vitórias, mas, também, a dor e as lutas da vida – como os contos nos ensinam.

Não querer para o outro o que não queremos para nós mesmos. Não será este um exercício para arteterapeutas? Vimos em muitos dos contos de tradição oral, que aqui se faz, aqui se paga; a vida é correta e sempre devolve aquilo que você dá. Serão conselhos, como dizia Walter Benjamin (2009). Veja no conto da Moira Torta, ou no conto: A Casinha da Floresta, ambos dos irmãos Grimm.

O nosso estudo está voltado para a compreensão dos contos da tradição oral enquanto uma das possibilidades para o desenvolvimento de recursos internos, para o homem moderno. Entendemos que os recursos internos quando explorados reanimam a capacidade humana do brincar, do sonhar, do fantasiar e do desenvolver ações criativas na vida. Um recurso com pretensões emancipatórias porque um conto guarda, como nos diz Nelly Novaes Coelho:

(...) o sobrenatural, o maravilhoso, as metamorfoses, o destino... são a grande presença. Em todos há sempre grandes provas a serem vencidas para que as personagens alcancem o que desejam. Entre o real do cotidiano e o mistério do imaginário, desaparecem as fronteiras, mostrando a vida como algo muito difícil de ser enfrentado, mas talvez, por isso mesmo, extremamente valiosa e merecedora dos mais extremos sacrifícios. Em Grimm predomina a atmosfera da leveza, do bom-humor ou alegria que neutralizam os medos existentes na raiz de todos os contos (COELHO, 1991 p. 85).

Isto, para mim, é fantástico. Por quê? Porque, conseguimos assistir a rota de muitos dos destinos humanos, sempre com provas a serem superadas, e, o mais promissor: a felicidade sempre à nossa espera!

Arteterapia e Contação de Histórias

O trabalho de um arteterapeuta
Contador de histórias é viajar nas
Histórias para curar almas...

Um arteterapeuta contador de histórias, certamente carrega em sua bagagem um compromisso: usar sua mente, sua alma e seu corpo, nos seus afazeres, como um sacro-ofício. Um arteterapeuta, tem o compromisso de facilitar a expressão do outro oferecendo-lhe as várias linguagens da arte. Curioso, quando penso nisso, sempre me vem à mente algo de sagrado. Tudo o que Deus criou é potencialmente sagrado. Nossa tarefa, como humanos e, sobretudo, como arteterapeutas que lidam com outras almas é sagrada. Nossa tarefa é encontrar este sagrado em situações que aparentemente nada têm de sagrado. Refiro-me à importância de termos em nossa bagagem o compromisso de vivermos nosso dia-a-dia atentos para as qualidades básicas e cotidianas da vida, como a beleza, a intimidade, a sociabilidade, a imaginação; de observarmos os pensamentos e as sensações que tecem nossas emoções, diariamente. Só assim poderemos compartilhar o que temos. Gosto de me lembrar que ninguém pode levar alguém aonde nunca foi. É preciso conhecer o caminho, conhecer a floresta sagrada, conhecer e acender a fogueira sagrada, é preciso saber contar a história que nos ajuda a não nos perdermos de nós mesmos. O conto apresentado abaixo, pode nos ajudar nesta reflexão.

O Homem que Contava Histórias

Era uma vez um homem que cansado de ver as pessoas de sua cidade sempre tensas, angustiadas e tristes, resolveu fazer algo por elas. Como sabia de cor lindas histórias, sentou-se num banquinho e pôs-se a contar e a contar... e assim o contador de histórias passava seus dias... A princípio, algumas pessoas paravam para ouvi-lo curiosas, mas só ficavam um pouquinho, pois tinham muita pressa, seu tempo era tão curto. Mesmo assim, o homem não desistia: todos os dias punha o seu banquinho na praça, e contava as suas histórias repletas de magia e fantasias.

O tempo passou....

Um dia, o contador de histórias, narrava para uma plateia inexistente, um maravilhoso conto, quando um garotinho lhe puxando pela manga, o interrompeu. - Ei tio! Será que você não percebeu que não tem ninguém ouvindo? Por que você insiste em contar histórias?

Então, o sábio homem respondeu:

- Olhe, meu filho, antes eu contava histórias pensando em mudar o mundo; hoje e conto histórias para que o mundo não me mude... (Conto de tradição oral- sem autor).

O conto acima nos convida a pensar sobre os nossos valores; sobre aquilo que achamos importante cultivarmos na vida. Um Contador de Histórias arteterapeuta, a meu ver, é um leitor do mundo, da vida, dos gestos, dos sons e do silêncio. Desde aí, ele precisa saber que história contar e porque contar histórias. Para isto ele necessita de preparo, como nos mostra o conto abaixo.

O anão

- Conta-me uma história – pedia-lhe a moça. Tenho de pensar respondia-lhe o narrador. Ora acontecia que por vezes, o tempo que levava em sua meditação era longo demais para ela, que se zangava. Mas ele balançava a cabeça e respondia impassível: - Você deve ter um pouco mais de paciência. Uma boa história é como uma boa montaria. A caça brava fica escondida e é preciso armar uma emboscada e ficar de tocaia horas e horas a fio, na boca

dos precipícios e da floresta. Os caçadores mais apressados e impetuosos afugentam a caça e nunca obtêm os melhores resultados. Deixa-me, pois, pensar. Mas, desde que tivesse meditado o tempo bastante e começasse a falar, não mais parava enquanto não tivesse contado a história completa, que corria ininterrupta e fluentemente como um rio correndo montanha abaixo e em cujas águas tudo se reflete – desde a mais pequena folha de grama, até o azul da abobada celeste. Convertia-se num ser todo poderoso, assim que iniciava mais uma demonstração de sua arte, pois aprenderá a arte de narrar no oriente, onde esta função é altamente apreciada e seus praticantes são considerados uma espécie de magos. Jamais começava suas histórias em países estranhos, para onde o espírito do ouvinte não pudesse voar com força própria. Principiava sempre com algo que os olhos da imaginação pudessem ver, depois imperceptivelmente, levava a imaginação dos ouvintes para muito bem ele queria, de modo que a narrativa transcorria com naturalidade. Quem o escutasse absorto em suas palavras, embora continuasse tranquilamente sentado, o espírito já vagava alegre e receoso, pelas regiões mais fascinantes. Assim, era a maneira de ele contar as suas histórias. Você pode encontrar este e outros contos maravilhosos, no livro de HESSE, Herman (s/d): O anão. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Record, s.d.

Saber *da* história e saber *a* história, faz toda a diferença e pode mudar o curso de uma experiência. Saber *da* história (do paciente) implica um delicado conhecimento das necessidades de alguém (de um povo) e saber *a* história (um conto), implica em não inventar a roda novamente, como dizia Mircea Eliade (1991). Destaque-se deste conhecimento, o conforto para o arteterapeuta de saber onde encontrar aquilo que o outro necessita. O Contador de história acima citado, assim como o arteterapeuta, necessitam de um tempo para encontrar o conto certo para a pessoa certa, pois, no mundo simbólico dos contos, e no fio das histórias, como na

linha da vida, cada um tece o seu tapete..., mas, sempre a partir do fio que entrelaça a vida dos humanos.

Trabalhar com contos de tradição oral – e vamos referendar aqui, para os arteterapeutas, os contos coletados pelos irmãos Grimm por salvaguardarem uma fidedignidade ao plano simbólico deles – é ter acesso ao mundo inconsciente. E, como sabemos a única linguagem que o inconsciente sabe falar é a simbólica. É bom lembrar que a literatura infanto-juvenil mostra que os irmãos Grimm se empenharam para não alterar por demais os enredos dos contos, portanto salvaguardaram o plano simbólico, tão importante para desvendar conteúdos arquetípicos, por meio dos símbolos: matéria prima para os arteterapeutas. Trabalhar com este material simbólico, veículos dos contos exemplares, é trabalhar com conteúdo que afeta a expressão de muitos dos nossos sentimentos. Certamente, os contos de tradição oral devem ser compreendidos pelo caráter universal dos seus temas: amor, desamor, ira, astúcia, ciúme, crueldade, abandono, perdas, esperanças. São temas que revelam, e muito, dos relacionamentos humanos. E, seguindo as construções de Hesse, observamos que:

Não há nada que eu possa te dar que já não exista dentro de ti mesmo. Apenas posso propor outras imagens além das tuas... E assim ajudo a tornar visível teu próprio universo (HESSE, p. 24).

É importante que o arteterapeuta contador de histórias saiba, que é bem este, o trabalho que os contos da tradição oral fazem conosco: ajudam a tornar visível o nosso mundo interno, isto é, o que há em nós de mais premente.

Há mais de três quartos de século, Carl Gustav Jung, famoso psiquiatra, suíço, abriu portas para o mundo interior, apresentando-nos o que ele chamou de arquétipo e inconsciente coletivo. Apresentou tais conceitos como sendo uma herança da humanidade. Isto é, temos em nós muitas potencialidades que ditam os nossos comportamentos, representados pelo que o autor chamou de arquétipos: herança da humanidade. Sendo estes uma energia que nos afeta alterando, por vezes, os nossos jeitos de ser e de estarmos no mundo. O Dr. Jung mostrou que as análises psicológicas cessaram de ser apenas tratamento, para se tornarem um trabalho com vistas a favorecer o crescimento interior do indivíduo, cuja finalidade, não é só lidar com enfermidades, mas antes, é construir o fortalecimento interior de cada pessoa, para lidar com as adversidades da vida. É por isso, que costumamos dizer que ouvir uma história é uma verdadeira experiência, e, é por isso também, que aprendemos e muito, com os contos de tradição oral, uma vez que, fazem jus aos arquétipos, cujo *locus nascendi* está no inconsciente coletivo da humanidade.

A psicologia Junguiana, vê os contos como representações simbólicas de problemas comuns à era humana. Minha avó dizia que onde está a doença está também a cura. Os contos, apresentam em seu desenvolvimento, formas de solucionar tais problemas. Sua estrutura é clara e norteadora, com começo, enredo, clímax e desfecho. Os enredos demonstram um fluxo de questões que desembocam

ou travam nos relacionamentos interpessoais. Observe-se ainda, que os mesmos contos, apresentam a problemática e, no seu curso, oferecem, por vezes, conselhos e dicas, mas, sempre apresentam indicações de como seguir por um caminho de superação rumo a uma nova vida. Apresentam o problema, mas também a saída para tais problemas. Na prática, a contação de histórias, no veículo da voz que diz o Era Uma Vez..., faz um movimento na vida das pessoas, pois que, os protagonistas, como modelos, demonstram como podemos suportar determinadas situações que muitas vezes nos parecem insuportáveis e como devemos persistir apesar das adversidades. Ao nos aproximarmos de tais contos, estamos super utilizando um nível subjetivo de compreensão; um nível que funciona individualmente. Funciona como remédio, eu diria, tal como os sonhos, no qual, cada personagem que aparece no conto/sonho, pode ser visto como um traço da nossa personalidade (VON Franz, 1990), como por exemplo, quando aparece num conto, uma bruxa, dizemos que a bruxa é a própria representação do nosso lado bruxa, afinal, todos somos, ora fada, ora bruxa.

Trabalhar com o legado dos contos tradicionais é acessar um universo intenso e maravilhoso para um trabalho arteterapêutico. É trabalhar com um composto de energias invisíveis; é trabalhar com o domínio de forças que, muitas vezes, não são percebidas, mas que vivem em nós. Os contos salvaguardam uma inteligência arquetípica universal, como já vimos; herança dos nossos antepassados. Seu domínio é muito maior do que imaginamos, é algo com vida própria capaz de alterar comportamentos e, portanto, relacionamentos e, por conseguinte, alteram nossas vidas. Minha experiência conta que sempre para melhor. Isto porque, os contos como dizia Bruno Bettelheim (1986), falam ao ego em germinação e, ainda, como

apresentou, Marie Louise von Franz (1990), falam diretamente – através do seu plano simbólico – ao nosso inconsciente. Como isso funciona? Veja, os símbolos expressam imagens e essas imagens contidas nos contos, são reveladoras de padrões arquetípicos fundamentais para a compreensão de muitos dos comportamentos humanos. O caminho dos mitos, dos arquétipos é um bom caminho para compreendermos comportamentos muitas vezes inadaptados.

Bons contos são sempre surpreendentes. Algumas vezes, por meio da sua riqueza simbólica, ela, a história, atua como uma chave que abre as fronteiras do inconsciente para lá jorrar luz, trazendo informações para a consciência. Segundo os junguianos, há dois caminhos para este acesso: um, por meio dos sonhos e outro por meio da imaginação. Ambos canais de comunicação que a psique desenvolveu para que consciente e inconsciente pudessem conversar. Aí está um dos grandes construtos de Carl Gustav Jung: a função transcendente (GRINBERG, 2003). A linguagem dos símbolos é então, segundo Dr. Jung, a linguagem do inconsciente. Os contos de tradição oral, nos moldes que estamos aqui apresentando, para os arteterapeutas especialmente, são ricos em imagens, o que nos leva a considerar que trabalhar com os contos tradicionais é um caminho de acesso que toca o mundo interior de quem com eles lidam. Assim, trabalhamos com os contos de tradição oral, utilizando aportes da teoria da Psicologia Analítica Profunda, empregando-os à prática dos processos arteterapêuticos, não fechando respostas, mas abrindo caminhos com uma postura fenomenológica.

Dizer que um conto tradicional *cura*, pode parecer bastante pretencioso, contudo, é importante entender que, em princípio, ninguém cura ninguém. Já

repetimos isto algumas vezes, dada a sua importância. Considero importante aqui tecer algumas considerações sobre apresentar e chamar atenção para os contos com potencial para transformar e “curar” muitas das inquietações dos nossos pacientes/clientes. Obviamente isto tem a ver com minha prática clínica, onde por muitos anos empreguei o conto tradicional como um instrumento facilitador do desenvolvimento humano e, continuo empregando.

Trabalhei durante longos anos com crianças pequenas, orientei mãe de bebês recém-nascidos que choravam muito, a contarem histórias para os seus bebezinhos; trabalhei com adolescentes e adultos em várias situações, sempre utilizando o conto tradicional como uma rica ferramenta de ação arteterapêutica. E, em virtude disso, aprendi que *curar* significa dar assistência a um paciente/cliente; dar os meios adequados para que ele se possa “curar”. Curar a si mesmo. Já, o verbo *sarar*, também do latim, significa recuperar o juízo, a sensatez. Então, “curar” refere-se a um processo que se origina de fora para dentro. É ordenado por terceiros (arteterapeuta, psicoterapeuta, médico, xamãs, com os instrumentos que lhes são próprios). Mas, esse processo, deve ser complementado, necessariamente, com o de “sarar” que se refere a um caminho que acontece de dentro para fora. Isto é, um processo que é conduzido pelo próprio indivíduo, pelo próprio paciente/cliente; como agente do seu processo de crescimento. Então, curar e sarar se complementam no ato do restabelecimento da saúde, física, mental, psíquica ou espiritual. (FRANKEL 2012). Parece pretencioso, mas estou convencida de que narrando a história certa, no momento certo, para a pessoa certa, transformações na vida da pessoa acontecem. Assim, podemos entender aqui o termo “curar” como tendo um sentido de

transformações; no sentido de tomada de consciência daquele oculto que impede o fluxo de uma vida harmoniosa. Trata-se de ampliar percepções. Isto, creio eu, leva a significativas transformações, que neste caso, compreende-se, como *cura*.

Assim, gostaríamos de dizer que todo aquele que abraça a função de acolher, conduzir e tem vocação de ajuda, a meu ver, conta com o privilégio de ser um observador do maravilhoso processo de desabrochar do humano e, que, o trabalho com o conto de tradição oral, dentro de um contexto arteterapêutico, é um espaço de descobertas como possibilidades para uma remodelação criativa da própria alma.

Estórias que mudam Histórias

Minha experiência com a arte de contar e ouvir histórias, também conhecida e chamada de “palavra cantadora”, “a boa palavra”, palavra “bem-dita”, “palavra encantada”, mostrou que o conto, a *Estória* (como se escrevia antigamente para fazer referência aos contos) pode alterar a História de vida de uma pessoa, pois o que a palavra (conto), diz ela cria. Mostrou que trabalhar com contos, leva a imaginação do ouvinte a viajar, atravessar mares, fronteiras, ocupando e alimentando o imaginário. Trata-se de um contato com forças da imaginação que não se prende a uma só visão, mas, ao contrário, reflete uma disposição que pode encontrar algo além das estruturas. Tais contos podem ser reconhecidos como espelhos nos quais nos reconhecemos com nossos problemas (eternos) e com propostas de soluções que só podem ser elaboradas na imaginação. É um material que tem em seu bojo, questões existenciais e éticas, imediatamente decifradas por uma sensibilidade que é própria

dos humanos – porque de certa maneira, cada um produz o seu próprio real. Por isso, este real é fantástico, assim como o fantástico é real. Podemos dizer que o fantástico produz um encantamento que produz, por sua vez, um mundo diferente do mundo da razão e, neste mundo, tanto o arteterapeuta (contador) como o paciente/cliente (ouvinte) entram para a satisfação dos seus sentidos enquanto estão na história: os dois se beneficiam, se posso assim dizer. As palavras sementes para este trabalho seriam: prazer e eficiência, na arteterapia.

Fechando as cortinas

O trabalho com o conto de tradição oral é um dos pontos mais instigantes para a minha vida. Foi e continua sendo. Fácil? Não. Subi altas montanhas em busca de significados. Desci grande vales em busca de construções teóricas, e isto, foi ao mesmo tempo, descer ao reino de Hades – como Persefone –, com a tarefa de discriminar as sementes – como Psiquê –, separar e escolher os contos capazes de germinar, dar flores e frutos – como Vassalisa.

Notei que não se chega a reino nenhum de mãos vazias. É preciso levar uma oferenda e eu levei a minha experiência com a escuta de contos e o meu desejo de mostrar o quanto os contos de tradição oral e a contação de histórias são importantes para uma vida simples e equilibrada, porque são ricos em ensinamentos, sabedorias. Desta jornada, saio com a certeza do meu compromisso, prazeroso, de ter como instrumento de trabalho a honra de ter uma palavra encantadora que desencanta, se posso assim dizer, pois, afinal, como dizia Guimarães Rosa: “Contar Histórias é um ato de amor.” E só o amor cura.

Sem a pretensão de conclusões de quem chegou ao final, mas com o desejo de continuar no caminho de descobertas dos efeitos dos contos para a vida humana, convido você leitor a fazer suas próprias investigações com os contos de tradição oral. Ah! A simplicidade!

Que você querido leitor (a), enxergue beleza numa vida simples ao contar e ouvir histórias.

Benção para você! Benções para todos nós!

Data de recebimento: 08.11.2019
Data de aceite 1º parecerista: 06.08.2020
Data de aceite 2º parecerista: 17.08.2020

Referências

BENJAMIN, Walter. **História e Narração**. São Paulo. Perspectiva, 2009.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos contos de fadas**. Trad. Arlene Caetano. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.

COELHO, Nelly. **O Conto de Fadas**. São Paulo, Ática, 1991.

ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos**: ensaio sobre o simbolismo mágico religioso. São Paulo, Martins Fontes, 1991.

FRANK, Victor. **Em Busca de Sentido**: Um psicólogo no Campo de Concentração. São Paulo, Vozes, 2012.

FRANCE, Anatole. **Le Jardin D'Épicure**, Marchè, Ed. Calmann Levy, 1921.



GIORDANO, Alessandra. **Contar Histórias**: um recurso arteterapêutico de transformação e cura. São Paulo, Artes Médicas, 2007.

_____. **Contos que Curam**. São Paulo, WAK, 2020.

GRINBERG, Luiz Paulo. **Jung**: o homem criativo. São Paulo, FTD, 2003.

HAMPATÈ BÂ, Amadou. A tradição viva. **História Geral da África**, Vol. I, São Paulo, Ática/UNESCO, 1982.

HESSE, Herman. O anão. In: **O Livro das Fábulas**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Record, s.d.

VON Franz, Marie Louise. **A interpretação dos contos de fadas**. Trad. Maria Euci Barbosa. São Paulo. Edições Paulinas, 1990.

WERNER, Marina. **Da Fera à Loira**. Sobre os contos de fadas e os seus narradores. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.